

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: XVI Jornada de Extensão

A INCERTEZA AMBIENTAL NAS INDÚSTRIAS DA CIDADE DE TAPEJARA/RS: UMA ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DOS GESTORES NOS ANOS DE 2009 E 2015¹

João Paulo Gardelin², Daniel Piffer De Oliveira³, Marcio J. Topolski⁴, Mônica Da Pieve Antunes⁵, Amanda Guareschi⁶, Francis A. Zanelatto⁷.

¹ Projeto de Pesquisa e Extensão da Faculdade de Ciências Econômicas Administrativas e Contábeis da Universidade de Passo Fundo

² Professor, pesquisador e extensionista da Universidade de Passo Fundo. E-mail: gardelin@upf.br

³ Aluno do curso de Administração da UPF. Voluntário do Programa de Apoio e Desenvolvimento de Organizações Regionais. E-mail: dani56098@hotmail.com

⁴ Aluno do curso de Administração da Universidade de Passo Fundo. Voluntário do Programa de Apoio e Desenvolvimento de Organizações Regionais. E-mail: mjttopolski@hotmail.com

⁵ Professora e extensionista da Universidade de Passo Fundo. E-mail: dapieve@upf.br

⁶ Professora, pesquisadora e extensionista da Universidade de Passo Fundo. E-mail: amandaguareschi@upf.br

⁷ Aluno do curso de Ciências Contábeis da Universidade de Passo Fundo. Voluntário do Programa de Apoio e Desenvolvimento de Organizações Regionais. E-mail: franciszanelatto@hotmail.com

Introdução

Um dos fatores que faz com que os gestores percebam a situação do ambiente é o nível de incerteza gerado por este ambiente. Miliken (1987) define incerteza como uma inabilidade individual para prever de modo preciso o ambiente. Desta forma surge a necessidade de se pesquisar como os gestores interpretam os sinais do ambiente, diante de maior ou menor intensidade de incerteza percebida.

Incerteza está relacionada à percepção administrativa do ambiente geral de negócios ou como um componente imprevisível (DESS E BEARD, 1984; MILLIKEN, 1987). No contexto ambiental, segundo Rueda-Manazares et al. (2008) quando os gerentes têm dúvidas sobre a direção e viabilidade de futuras tecnologias ou sobre expectativas de mudanças de consumo e preferências sociais para produtos e serviços que são ambientalmente amigáveis, ou sobre possíveis mudanças na legislação, então provavelmente há percepção de incerteza no ambiente geral de negócios.

Priem et al. (2002) tratam o ambiente e agrupam os fatores de incerteza em clusters sugerindo maior parcimônia e compreensão que a maioria das tipologias existentes. Alguns dos grupos desenvolvidos, obviamente, se relacionam com as tipologias mais antigas. Os clusters “clientes” e “concorrentes” utilizados por diversos autores (DUNCAN, 1972; MILES E SNOW, 1978), por exemplo, são incorporados na categoria “competição da indústria”. Além disso, as categorias “vantagem competitiva internacional” e aspectos internos de “recursos humanos” são novas adições que não foram trabalhadas nas tipologias anteriores.

Priem et al.(2002) também sugerem que as capacidades internas da firma exercem um papel importante na percepção de incerteza enquanto as demais pesquisas têm focado as percepções de incerteza no ambiente externo das organizações. Duncan (1972) sugere uma classificação interno-

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: XVI Jornada de Extensão

externa, entretanto, as circunstâncias internas da firma também produzem importantes e mutáveis tomadas de decisões.

Este trabalho visa contribuir teoricamente sobre o tema incerteza ambiental e também busca contribuir para os gestores das indústrias quanto à reflexão sobre os efeitos do ambiente externo nas estratégias das organizações. Esta contribuição com os gestores se dá através do retorno dos resultados em visitas in loco; através da publicação e divulgação dos resultados em mídia local.

Visto que o município de Tapejara é considerado pela opinião pública da região e do Estado do Rio Grande do Sul como um município empreendedor, e que através da conduta dos empresários locais é que o município prosperou nos últimos anos, pretende-se verificar neste estudo, qual a percepção de incerteza ambiental dos gestores das indústrias da cidade ante as turbulências sociais, econômicas e políticas vivenciadas em 2015 e compará-las com os níveis de incerteza percebidos pelos gestores das indústrias da mesma cidade no período pós-crise de 2008.

Metodologia

Diante do objetivo deste artigo, foi realizada uma pesquisa quantitativa com finalidade descritiva. A coleta de dados foi realizada através de questionários entregues aos administradores das empresas em dois momentos distintos: no ano de 2009 - com alguns resultados já publicados nos estudos de Gardelin, Rossetto e Verdinelli (2013); e também no ano de 2015, em nova coleta de dados. Posteriormente, os dados foram tabulados de forma a transcrever e analisar as informações.

Quanto às questões que fazem parte do questionário referente à percepção de incerteza do ambiente foi adaptado do estudo de Priem et al. (2002) e já replicado no Brasil nos estudos de Gardelin, Rossetto e Verdinelli (2013) que ajustaram os fatores de incerteza através de um focus group com 05 empresários no intuito de agrupar os fatores de incerteza percebidos pelos pesquisados. A partir disto, e baseado na indicação deles, foram agrupados 24 fatores em 05 clusters - este estudo não considerou o cluster que trata da vantagem competitiva internacional. Assim, os cinco clusters considerados foram: competição; custos de produção/vendas; recursos humanos; governo; e mudanças sociais.

A percepção dos administradores com relação à incerteza do ambiente foi medida através de uma escala intervalar de 1 a 10, sendo 1 a mínima percepção de incerteza e 10 a máxima percepção de incerteza. Para uma melhor análise os resultados foram medidos de acordo com a faixa da média das respostas sendo então considerado: a) Mínima Incerteza (01 a 2,50); b) Baixa Incerteza (2,51 a 5,00); c) Alta Incerteza (5,01 a 7,50) e d) Máxima Incerteza (7,51 a 10,00).

A população do estudo foi as cerca de 50 indústrias do município de Tapejara (RS), cadastradas na Associação Comercial, Industrial de Serviços e Agropecuária (ACISAT) e em plena atividade. Na coleta de dados de 2009 retornaram ao pesquisador 13 questionários respondidos, após uma série de esforços. No levantamento de 2015, foram 11 empresas que contribuíram para o levantamento de dados.

A análise dos dados foi realizada com auxílio de gráficos e tabelas do Microsoft Excel® a qual possibilitou uma análise estatística descritiva de todas as médias, variâncias e desvio-padrão encontrada em cada cluster de incerteza percebida pelos gestores das indústrias pesquisadas.

Apresentação dos Resultados

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: XVI Jornada de Extensão

O gráfico 01 sinaliza que todos os fatores componentes do cluster competição (COMP) sofreram elevação em suas médias. O surgimento de produtos novos os substitutos ampliou-se de forma menos representativa (31,31%), ao passo que o surgimento dos novos concorrentes teve sua média aumentada em 62,83%. Apesar da ampliação nos valores das médias, todos os fatores do cluster permanecerem categorizados como de baixa incerteza.

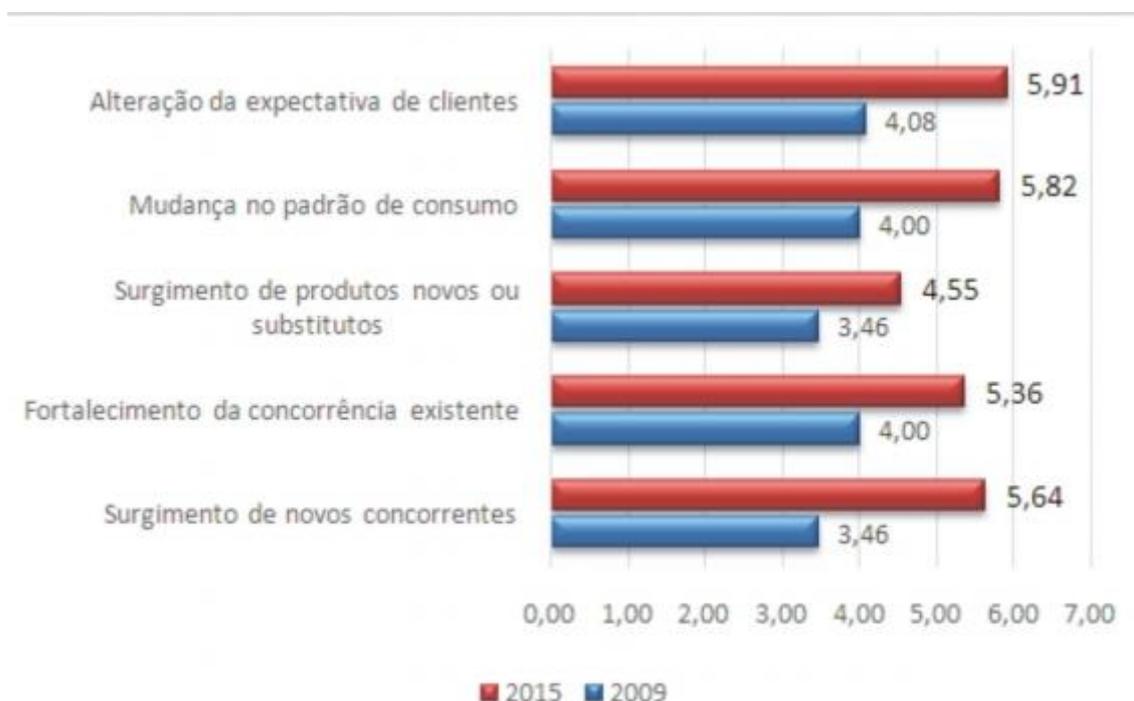


Gráfico 1 - Média por fatores no cluster COMPETIÇÃO. Fonte: Elaborado pelos autores.

O gráfico 02 aponta que todos os fatores componentes do cluster custos de produção e venda (CPV), tiveram sua média ampliada entre os anos de 2009 e 2015. O fator relacionado ao surgimento de novas tecnologias que sofreu menor variação da taxa de crescimento ampliou-se 1,30%. A maior taxa de crescimento observada relaciona-se à variação da inflação, cuja média das respostas ampliou-se 72,55%. Esse fator passa a ser considerado como de alta incerteza. Os demais fatores do cluster permanecem como de baixa incerteza.

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: XVI Jornada de Extensão



Gráfico 02 - Média por fatores no cluster CPV. Fonte: Elaborado pelos autores.

Todos os fatores do cluster recursos humanos (RH) sofreram variações positivas em suas médias, conforme se observa no gráfico 3. Isto indica ampliação da percepção de incerteza, perpassando de fatores de baixa incerteza para alta incerteza. O fator da qualificação dos trabalhadores sofreu a menor variação e teve sua média ampliada em 31,56%. O fator qualidade da educação ampliou-se de forma mais significativa (50,62%).

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: XVI Jornada de Extensão

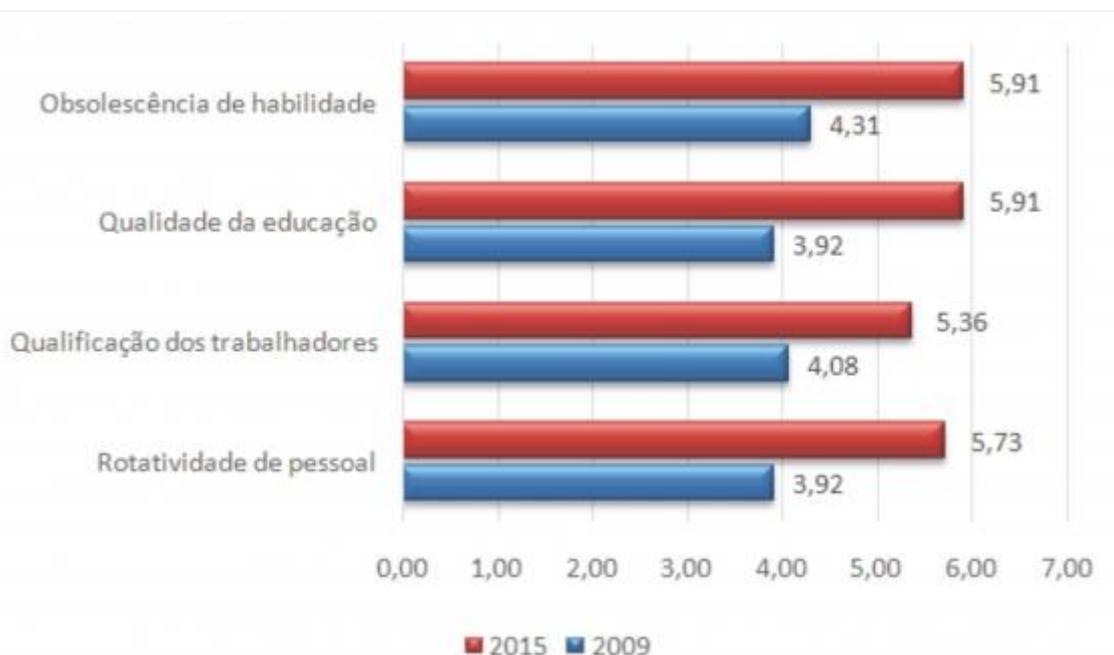


Gráfico 03 - Média por fatores no cluster RH. Fonte: Elaborado pelos autores.

O cluster ações governamentais (AG) teve suas médias ampliadas quando se compara os dados de 2009 e 2015. Quanto aos fatores, a menor taxa de crescimento foi relacionada às políticas de governo (21,71%), ao passo que a maior variação foi identificada no fator relacionado às restrições de comércio (40,60%). Quanto à interpretação, o fator das políticas de governo manteve-se como de alta incerteza. Os demais fatores, que em 2009 eram considerados como baixa incerteza, em 2015 tornaram-se de alta incerteza.

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: XVI Jornada de Extensão

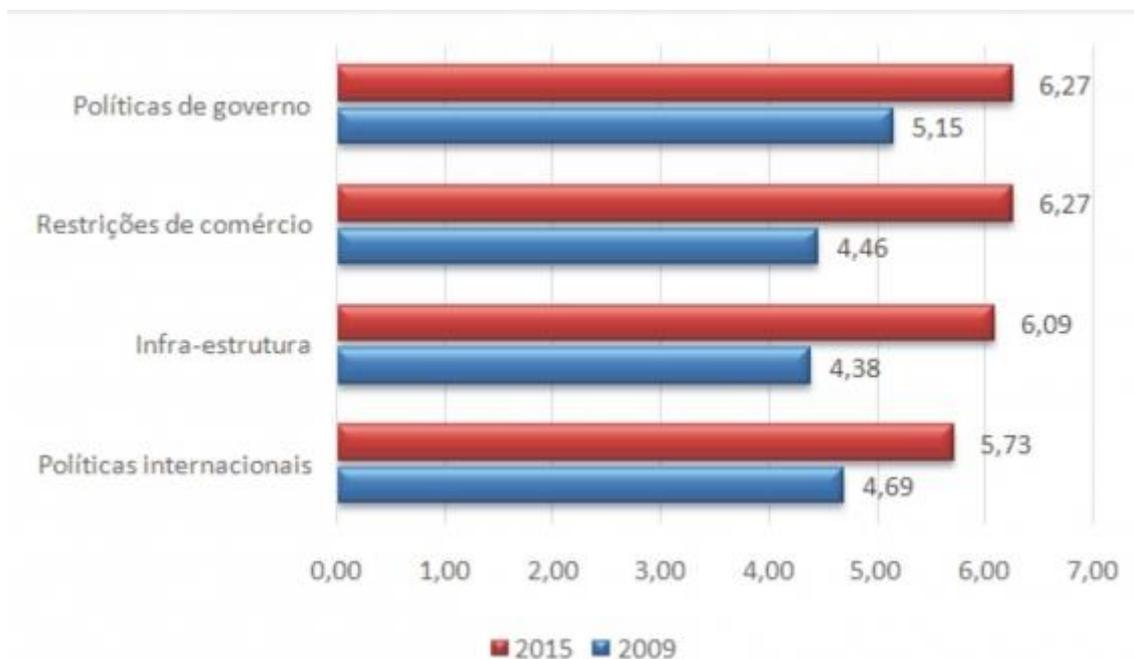


Gráfico 04 - Média por fatores no cluster AG. Fonte: Elaborado pelos autores.

Assim como nos demais, o gráfico 05 evidencia que o cluster mudanças sociais (MS) apresentou elevação em suas médias, o que indica a ampliação da percepção de incerteza. O fator que apresentou menor variação foi a influência de produtos baratos fora do país, perfazendo uma ampliação de 21%. A maior taxa de crescimento foi observada no fator mudanças demográficas (72,43%). Quanto a interpretação, as desordens sociais, que em 2009 apresentavam mínima incerteza, passaram a ser consideradas como de baixa incerteza.

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: XVI Jornada de Extensão

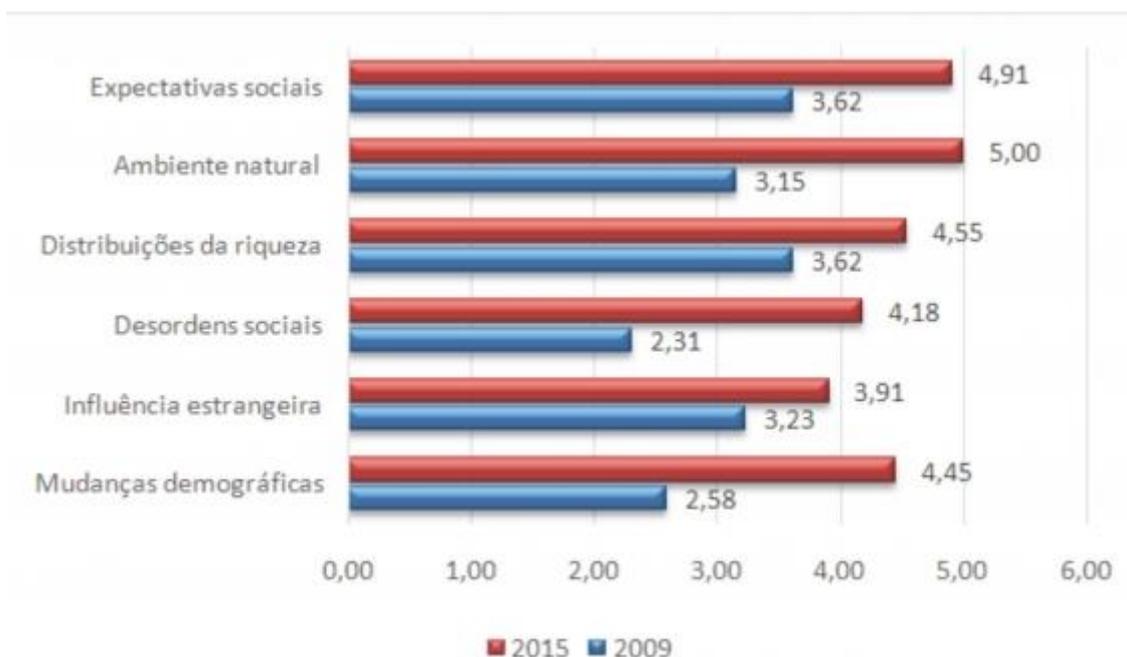


Gráfico 05 - Média por fatores do cluster MS. Fonte: Elaborado pelos autores.

Na tabela 1, observa-se que em 2009, a média apontou que havia baixa incerteza em todos os clusters analisados. Comparativamente, no ano de 2015, identificou-se que a percepção de incerteza foi alterada, na média dos questionários que retornaram, sendo que todos os clusters sofreram ampliação da média. No cluster relacionado as mudanças sociais (MS), o indicador ampliou-se de 3,09 para 4,50, mas permaneceu na mesma faixa de interpretação, caracterizando-se como de baixa incerteza. Apesar de não ter tido sua categoria de interpretação de incerteza alterada, observou-se que esse cluster obteve a maior elevação em termos percentuais, perfazendo um total de 45,65% de ampliação de 2009 para 2015. Nos demais clusters, houve uma ampliação da média, de forma que a percepção de incerteza passou a ser considerada alta. Nesses, a menor variação foi relacionada ao cluster de custos de produção e vendas (CPV), que ampliou apenas 29,91% em relação ao resultado de 2009.

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: XVI Jornada de Extensão

Tabela 1 - Média comparativa e taxa de crescimento por cluster em 2009 e 2015

	Média		Taxa de crescimento da média
	2009	2015	
COMP	3,80	5,45	43,54%
CPV	4,18	5,44	29,91%
RH	4,06	5,73	41,15%
AG	4,67	6,09	30,34%
MS	3,09	4,50	45,64%
IG	3,96	5,44	37,38%

Fonte: Elaborado pelos autores.

Tabela 1 - Média comparativa e taxa de crescimento por cluster em 2009 e 2015. Fonte: Elaborado pelos autores.

Quanto maior a variabilidade em relação à média, maior é o valor do desvio padrão. Assim, a tabela 2 indica que as empresas que participaram da pesquisa em 2015 apresentaram respostas mais variadas de acordo com a média de cada cluster, quando comparadas as indústrias analisadas no ano de 2009. A menor alteração no padrão de respostas foi observada no fator RH.

Tabela 2 - Desvio padrão comparativo e taxa de crescimento de 2009 e 2015

	Desvio padrão		Taxa de crescimento do desvio padrão
	2009	2015	
COMP	2,55	5,56	117,78%
CPV	1,34	7,77	481,15%
RH	4,13	4,74	14,94%
AG	2,72	9,64	254,09%
MS	1,47	6,57	346,58%
IG	0,71	4,16	483,79%

Fonte: Elaborado pelos autores.

Tabela 2 - Desvio padrão comparativo e taxa de crescimento de 2009 e 2015. Fonte: Elaborado pelos autores.

Esta análise pode ser ampliada para outros municípios brasileiros no sentido de verificar como as indústrias (e também o comércio e a prestação de serviços) percebem a incerteza no atual momento político, econômico e social do nosso país. Também, estas pesquisas poderiam ampliar o debate comparando como os gestores tem se comportado estrategicamente frente a estas incertezas crescentes e verificar as alterações no desempenho das indústrias.

Considerações finais

Este estudo teve como objetivo examinar a incerteza ambiental percebida pelos gestores das indústrias da cidade de Tapejara/RS. Os resultados comparados indicam a ampliação da percepção de incerteza em todos os clusters considerados. Se em 2009 as empresas pesquisadas apresentavam

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: XVI Jornada de Extensão

uma baixa percepção de incerteza no ambiente geral de negócios, em 2015 apenas o cluster mudanças sociais permanece nesta faixa de análise, mas, mesmo assim, apresentando elevação na incerteza de 3,09 para 4,50. Os demais clusters são percebidos pelos gestores, no ano de 2015, com alta incerteza, sendo que o cluster ações governamentais é o que apresenta maior índice de incerteza na mente dos gestores (6,09); seguido pelo cluster recursos humanos (5,73); competição (5,45); custos de produção e venda (5,44). Todos eles analisados numa escala likert de 01 (mínima incerteza) à 10 (máxima incerteza).

Comparativamente, observa-se que a maior taxa de crescimento nos clusters de incerteza de 2009 para 2015 se dá nas mudanças sociais na qual a percepção de incerteza dos gestores aumentou em 45,64%; seguido pelo aumento no cluster competição (43,54%); recursos humanos (41,15%); ações governamentais (30,34%) e custos de produção e venda (29,91%).

Desta forma, constata-se que de um modo geral, a baixa incerteza percebida pelos gestores das indústrias no ano de 2009 que era de 3,96 numa escala de 01 à 10, atualmente, em 2015 já é de 5,44, o que representa uma taxa de crescimento de incerteza percebida de 37,38%.

Os resultados desta pesquisa estão sendo apresentados aos gestores no intuito de contribuir com a tomada de decisão das empresas, fazendo-os refletir sobre a melhor maneira de atuar frente a um ambiente que se mostra cada vez mais incerto. Este feedback se dá através de visitas in loco nas empresas estudadas e também com a divulgação dos resultados na mídia impressa e com a participação dos pesquisadores, professores e empresários em programas de rádio local.

Palavras-chave: Competição; Custos de Produção e Venda; Recursos Humanos; Atuação do Governo; Mudanças Sociais.

Referências

- BLUEDORN A.C.; JOHNSON, R. A.; CARTWRIGHT, D. K.; BARRINGER, B. R. The interface and convergence of the strategic management and organizational environment domains. *Journal of Management*, 20: 201-262, 1994.
- BOURGEOIS, L. J. Strategic goals, environment uncertainty and economic performance in volatile environments. *Academy of Management Journal*, 28: 548-573, 1985.
- DAFT, R.; SORMUNEM, J.; PARKS, D. Chief Executive Scanning, environments characteristics, and company performance: an empirical study. *Strategic Management Journal*, 9: 123-139, 1988.
- DESS, G.; BEARD, D. Dimensions of organizational task environment. *Administrative Science Quarterly*, 29, p.52-73, 1984.
- DUNCAN, R. Characteristics of organizational environments and perceived environmental uncertainty. *Administrative Science Quarterly*, v. 17, n. 3, p. 313-327, 1972.
- GARDELIN, J.P; ROSSETO, C.R.; VERDINELI, M.A. O relacionamento entre a incerteza ambiental e o comportamento estratégico na percepção dos gestores de pequenas empresas. *R.Adm.*, São Paulo, v.48, n.4, p.702-715, out./nov./dez. 2013
- JABNOUN, N. ET AL. Environmental uncertainty, strategic orientation, and quality management: a contingency model. *The Quality Management Journal*, v.10, n.4, p17, 2003.

Modalidade do trabalho: Relatório técnico-científico
Evento: XVI Jornada de Extensão

MILES R.E.; SNOW C.C. Organizational strategy, structure and process. New York: Mc Graw Hill, 1978.

MILLIKEN F.J. Three type of perceived uncertainty about the environment: state, effect, and response uncertainty. Academy of Management Review. Vol. 12, no. 1, p. 133-43, 1987.

PRIEM, R. L.; LOVE, L. G.; SHAFFER, M. A. Executives Perceptions of Uncertainty Sources: A Numerical Taxonomy and Underlying Dimensions. Journal of Management, v. 28, n. 6, p. 725-746, 2002

RUEDA-MANZANARES, A.; ARAGÓN-CORREA, A.; SHARMA, S. The Influence of Stakeholders on the Environmental Strategy of Service Firms: The Moderating Effects of Complexity, Uncertainty and Munificence. British Academy of Management, v.19, p. 185-203, 2008.